

RESUMOS

**Simpósio de Filosofia Lisboa—
Macau – Introdução**

A introdução apresenta ao leitor uma justificação para a necessidade de desenvolver um diálogo construtivo entre as diferentes tradições filosóficas e religiosas emanadas da Ásia e da Europa. Mais especificamente, narra o legado e realça as potencialidades do encontro intercultural que há mais de 450 anos liga simbolicamente as cidades portuárias Lisboa e Macau. As contribuições tiveram origem no 1.º Simpósio de Filosofia Lisboa-Macau 2019 e são dedicadas ao tema “Encontros Filosóficos entre o Mundo Lusófono e o Mundo de Língua Chinesa como ponte entre Oriente e Ocidente”.

[Autores: Paulo Borges, Mario Wenning, pp. 7–10]

**O Sábio Oriente e o Progressista
Ocidente — A 2.ª Globalização**

O pensamento teórico-prático dos sistemas filosóficos hindus Sámkhya e Yoga interpreta a relação humana com a Natureza na perspectiva duma interconectividade que exige a abolição das fronteiras egoicas, territoriais e ontológicas, propondo uma globalização humana-cósmica.

O actual interesse pelos valores orientais entende-se num quadro de tensões subsequentes do modo de vida ocidental, de décadas de vitória de hedonismo anti-metafísico, de visões materialistas, positivistas, mais argumentativas do que sapienciais. O Oci-

dente já compreendeu que a evolução da humanidade passa pela modificação do paradigma actual económico, social, ecológico, político. E, nesse sentido, parece-nos que o progressista Ocidente tem muito ainda a aprender com o sábio Oriente.

Os valores que procuramos não são exclusivos de uma sabedoria oriental, revelam interesses e necessidades transversais à história da vida humana sobre o Planeta. Os princípios estruturantes do Ocidente devem ser valorizados: os direitos humanos, a liberdade, a hermenêutica científica. Os movimentos ecologistas nascem, justamente, no Ocidente, assim como as soluções tecnológicas ao serviço da sustentabilidade. Há assim um Ocidente sábio, não apenas progressista. Paradoxalmente, o sábio Oriente rendeu-se ao fascínio ilusoriamente progressista da industrialização e da técnica ocidentais, acelerando-se a destruição do meio ambiente e dos modos de vida comunitários.

A 2.ª globalização implica um despertar global da consciência que transcenda Oriente e Ocidente e que exija reconhecer a nossa semelhança com o que está do lado de lá numa situação ecológica e ontológica comum, a urgência de cooperação, de diálogo, de paz – Ahimsá, e o reconhecimento da interconectividade, não apenas Planetária, mas universal, porque a segunda globalização será cósmica.

[Autora: Paula Morais, pp. 11–17]

**Fazer Filosofia em Tempos de
Globalização**

O aumento da velocidade de comunicação, a compressão espacial e as possibilidades crescentes de novas tecnologias de alta velocidade estão entre as principais características das rápidas mudanças que nos conduziram a este mundo actual, altamente interconectado e "encolhido". Neste contexto, as práticas sociais podem beneficiar de novos espaços emergentes de interacção social, que modificaram profundamente os contornos do espaço social, das comunidades culturais e – por último, mas não menos importante – das actividades académicas. Neste artigo, envolvo-me numa reflexão sobre algumas das mudanças e inovações trazidas pelo processo de globalização às práticas filosóficas. Fazer filosofia em tempos de globalização traz uma infinidade de novas oportunidades, mas também dá origem a novas questões que exigem uma avaliação mais aprofundada. Mais especificamente, vou concentrar-me em duas características das práticas filosóficas actuais, a saber, colaboração e pluralismo: embora fazer filosofia sempre tenha envolvido formas de colaboração e pluralismo, o processo de globalização contribuiu amplamente para um aumento sem precedentes nos trabalhos de pesquisa colaborativa, bem como para o aumento dramático do pluralismo filosófico. Por fim, vou sugerir que o estado actual das práticas filosóficas, caracterizado por altos

graus de diversidade e níveis crescentes de colaboração intradisciplinar e interdisciplinar, estimula e incita a reflexão metafilosófica: questões sobre a identidade disciplinar, bem como sobre a método filosófico, tornaram-se agora mais salientes do que nunca.

[Autora: Nevia Dolcini, pp. 18–25]

O Missionarismo como Meio: a China e o Iluminismo Europeu

O artigo concentra-se no início da imaginação moderna da China na Europa, que foi significativamente mediada por missionários cristãos. Mais especificamente, reconstrói e dialoga com a interpretação influente da história, cultura e filosofia chinesas pelo missionário espanhol dominicano Navarrete (1610-1689). Será dada particular atenção à crítica de Navarrete à missão jesuíta nos seus "Tratados" e "Controvérsias". A reconstrução que Navarrete faz dos elementos racionais da cultura confucionista moldou significativamente a recepção da China pelos primeiros pensadores do Iluminismo francês e alemão. Em contraste com a intenção da missão, a concepção da China como um império bem ordenado e ainda não cristão também contribuiu para um discurso moderno diferenciado sobre o secularismo.

[Autor: Mario Wenning, pp. 26–41]

A Filosofia Cristã da Transcendência e a Filosofia Budista da Imanência

Por meio de um diálogo entre filósofos cristãos e budistas, este artigo

procura apresentar a espiritualidade destas duas culturas. A tradição judaico-cristã salienta o aspecto da transcendência na relação entre o humano e o divino. A tradição budista privilegia a presença imanente de Deus que se identifica com o mundo. Realidade indeterminada e negadora da particularidade, o divino na cultura budista é descrito como o "nada que é tudo". De modo distinto, o cristianismo concebe o divino de forma pessoal e afirma que a relação com ele implica a salvaguarda da alteridade e da identidade individual. Para o Budismo o mundo é uma realidade provisória, porque a Unidade harmoniosa a que tende está para além da sua aparência física na multiplicidade objectiva das coisas. Para o Cristianismo o mundo tem substancialidade ontológica, porque foi criado por Deus como realidade boa que tende para a plenificação da espiritualização escatológica universal.

[Autor: Samuel Dimas, pp. 42–51]

Dao, Shiva, (An)atman e Teologias Negativas

Propomo-nos abordar a temática das teologias negativas ou apofáticas, referindo-nos primeira e preferencialmente ao Daoísmo, ao Hinduísmo (Dharma Eterno) e ao Budismo (Dharma do Buddha), espiritualidades maiores do Oriente, que se interrelacionaram e polinizaram entre si, na Índia em sentido amplo, na Tailândia, no Japão, na China, etc. Teremos em conta, porém, ex-

pressões espirituais ou filosóficas surgidas noutros contextos, mais a ocidente.

A nossa tónica é posta nas convergências, não ignorando, contudo, as diferenças. Estas, aliás, podem revestir-se de grande interesse, não para fomentar conflitos e separatismos, mas para nos propiciar uma visão mais abrangente, que tome em consideração focalizações mais específicas.

[Autor: José Manuel Anacleto, pp. 52–57]

Fernando Pessoa, o Taoísmo e o Vazio

O nosso objectivo é reler alguns temas marcantes do pensamento poético de Fernando Pessoa, como a experiência da insubstancialidade, do vazio, do vago e da indeterminação, à luz da corrente do pensamento chinês onde são mais relevantes, o taoísmo. Sem pretendermos que Fernando Pessoa haja sido directamente influenciado pelo pensamento taoísta, cremos que neste se encontra uma fecunda chave hermenêutica para compreender vários aspectos da experiência pessoana que contrastam claramente com a cultura ocidental dominante.

Continuamos aqui a nossa tentativa de ler e repensar Pessoa a partir de perspectivas heterotópicas, nomeadamente orientais, que permitam iluminar aspectos da experiência e do pensamento pessoanos menos visíveis sem este expatriamento dos contornos da sua tradição e horizonte culturais mais imediatos. Inspirados pelo trabalho de François Jullien, in-

tuímos a fecundidade de interpretar o pensamento pessoano a partir dessa heterotopia por excelência que, como Foucault notou, é a China, neste caso na sua vertente taoísta, pelas afinidades temáticas que mostraremos.

[Autor: Paulo Borges, pp. 58–70]

Entre o “Abismo” e a “Oculta e Revelada Harmonia”, a Meditação da Via em José Marinho e Lao Tse

Tomando em consideração as raras mas significativas menções a Lao Tse no pensamento especulativo de José Marinho, o ensaio procura mostrar as similares dificuldades teóricas e hermenêuticas que Tao e “insubstancial substância” colocam aos intérpretes.

[Autor: Jorge Croce Rivera, pp. 71–113]

Humor Zen: Determinações Disposicionais, Posicionamentos Vitais, Risadas Diagonais

Apesar de o século XXI ter trazido a Portugal uma nova série de humoristas no espaço mediático, a verdade é que a reflexão sobre o fenómeno do humor é quase inexistente, e que a sociedade em geral ainda caminha progressivamente para a aceitação do riso como algo fundamental na vida. Esse carácter mais dramático-depressivo da natureza da portugalidade, gravidade anunciada por todo o lado e sob várias formas, não deve iludir, no entanto, o amor escondido que existe pela gargalhada, especialmente no Norte do país. Existem uma série de virtudes no riso que

aqui se deixam de forma sistemática, recuperando simultaneamente uma velha e esquecida relação entre Portugal e o Japão, procurando-se apresentar algumas reflexões sobre diferentes formas do cómico na cultura japonesa. Assim, e de forma sintética: a) a virtude filosófica, b) a virtude poética e c) a virtude místico-metafísica do humor à luz da tradição oriental da busca da iluminação *Zen*.

[Autor: Constantino Pereira Martins, pp. 114–135]

Pensar a Paisagem para Além dos Hemisférios

Conforme uma noção geral, o conceito de paisagem consolidou-se na Europa no início do século XVI, exemplarmente na pintura paisagista holandesa, enquanto na Ásia o termo paisagem está presente na poesia e na pintura chinesa já desde o século IV. Presume-se assim que ambas as noções da paisagem são comparáveis e que o posterior termo europeu para a paisagem deve ser revisado pelo anterior conceito chinês da paisagem. O presente ensaio fornece uma visão crítica das posições de François Jullien, “Living off Landscape or the Unthought-of in Reason”, e do pensamento de Augustin Berque sobre a ‘mediância’, que é inspirado pelas clássicas noções chinesas e japonesas de paisagem. No actual contexto de degradação ecológica global e face à total manipulação das paisagens naturais pelo homem, a paisagem deve ser repensada, tendo

em conta que o conceito europeu de paisagem, explicado pelos autores supracitados, não foi devidamente considerado. Em particular, a sua dupla origem, na política e na estética, a sua ligação com o espírito técnico e científico dos tempos modernos, o problema específico da subjectividade na modernidade e a possibilidade de perda da subjectividade, como foi reconhecida, por exemplo, na obra de Foucault, já há mais de meio século. Especialmente a obra de François Jullien parece reiterar uma soma de pressupostos pós-estruturalistas e/ou pós-modernos, fundados na sua leitura peculiar do pensamento chinês clássico, que têm consequências graves para a sua interpretação do conceito de paisagem.

[Autor: Dirk Michael Hennrich, pp. 136–145]